

1º Lugar

Pseudônimo: PATUQUE

ZOÍLIO

Marcílio França Castro
Faculdade de Direito

Tinha os olhos mergulhados na discreta formiga que caminhava sobre o tapete da sala quando viu pela primeira vez o cão, espichado sem cerimônias na sua frente. Era um pequeno animal de olhos brilhantes que a tia lhe dera de presente e que chegava naquele dia à casa, trazido pela mãe.

Zóilio mostrara-se ligeiramente surpreso ao dar de cara com o bicho no meio da sala e foi logo gritando para que saísse dali, pois não queria perder de vista o inseto no chão, que tentava escapar em desespero pelos fios do tapete.

Veio Laura do quarto.

— Zóilio, você já viu o que sua tia lhe mandou de presente? Não é uma gracinha de bicho?

Ele nem sequer tirou os olhos da formiga, que já se debatia presa entre os seus dedos. Agarrava a bichinha pela cabeça e ia lhe desarticulando os membros com minúcia, pedacinho por pedacinho do corpo indefeso, até que restasse apenas a cabeça, esquelética.

A voz da mãe insistiu:

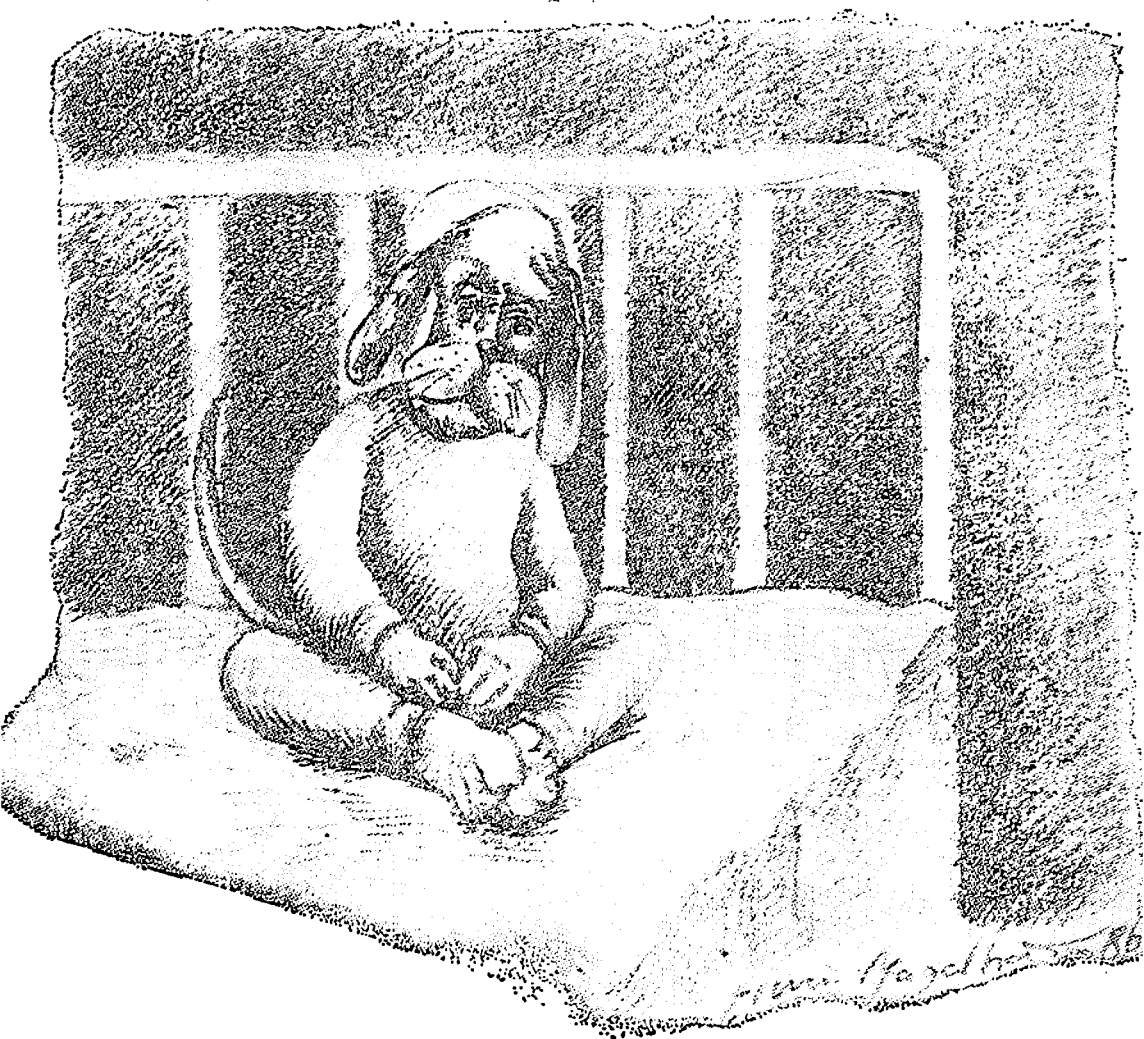
— O que você achou do nosso novo companheiro, meu filho? — Zóilio ainda não atentara — Ei, estou falando com você!

A indefesa formiga teve sua cabeça esmagada. Zóilio olhou para a mãe:

— Nunca pedi um cachorro.

— Mas agora tem um. E levou o cão pelos braços até onde estava o menino.

Só então Zólio despertou para o que falava a mãe, após amassar com gosto as últimas partículas de formiga que ainda sobravam na sua mão. Olhou o cão, descobrindo-o. Parecia um



pouco tímido diante daquele focinho molhado, a boca aberta filtrando a saliva que ia ao chão. Teve um arrepio de medo: pensou nunca ter visto um cachorro tão próximo dos olhos. E afastou-se do bicho, lento, lá estudando o cão à distância, anotando os seus detalhes: o formato dos olhos, o desenho das patas, o contorno dos dentes. Não pedira à tia aquilo e não podia entender por que ela lhe trouxera o animal. Com certeza era idéia da mãe, sempre querendo enchê-lo de cuidados e surpresas inúteis.

Sim, só podia ser mesmo coisa da mãe. Talvez ela imaginasse arranjar mais algum jeito de mantê-lo distraído e alheio. «Fique quietinho aí, meu filho, brincando com o seu cachorro. Não saia.» — certamente diria. Vasculhou a sala com os olhos: Laura não estava. Aproximou-se do cão — até que não era feio, apreciou. Escorregou a mão sobre o seu pêlo, acariciando-o. E foi sem querer se abraçando ao corpo do animal, como quem busca carinho. Os olhos brilhantes do cachorro o fascinavam. Mas logo vinha a lembrança da mãe conter-lhe os instintos, irritava-o. Maldita mania tinha ela de tratá-lo como um bebê! Mordeu o braço, ofegante. Por que Laura pedira à irmã que lhe desse um cachorro de presente? Talvez fosse por vontade da tia, poderia ser. Será? Correu até a cozinha e buscou leite, que deu de beber ao cão num prato de alumínio.

A mãe fora para o quarto. Zoílio vinha lhe trazendo excessivas perturbações nos últimos dias. Tratava-a com estupidez, andava extremamente distante, procurando o isolamento, ensimesmado. Laura não descompunha a sua habitual indiferença: com certeza era mais um dos caprichos do filho, que ela logo curaria quando lhe desse de presente o relógio que há muito tempo ele vinha reclamando. Mas nem isso o fez tornar às atitudes habituais: foi quando aquele afastamento do filho começou a despertar em Laura uma certa impaciência. «Esse menino está ficando muito mimado», pensava. Coisa de adolescente, provavelmente estava querendo chamar a atenção e nada melhor para isso do que mudar de atitude com a mãe. «Besteira de criança» — acabou por concluir, depois de erguer-se da cama e ir para

diante do espelho, onde ficou a acarinhar o cabelo, com as mãos bem cuidadas de mulher vaidosa.

Laura era uma pessoa muito ocupada para ficar dando atenção às coisinhas do filho. Além de trabalhar fora quase o dia todo, dedicava o pouco de tempo que lhe restava prestando auxílio às pessoas necessitadas do seu bairro. Quanto a Zoílio, era um menino que tinha de tudo, não havia motivo para que se preocupasse com ele.

A idéia de presentear-lo com um cachorro partira mesmo da mãe. Não desejava que Zoílio recebesse o animal como se fosse um presente seu — ele talvez recusasse —, por isso tinha pedido à irmã que desse o bicho em seu lugar. Laura supunha que o filho certamente reagiria bem ao novo agrado: ora, nada mais saudável do que um animal de estimação para trazer-lhe de volta a normalidade emocional, que consistia, aos olhos da mãe, na habitual passividade de ações talhada numa constante ânsia de novos desejos.

Zoílio foi aos poucos se dedicando ao cachorro. E a mãe mostrava-se satisfeita com aquela reação, pelo menos no começo, quando ele ainda parecia admirar as qualidades do novo brinquedo. Passava o dia na companhia do cão: deu-lhe o nome de Francisco, lembrando o falecido pai. A ausência de Laura era uma festa. Para Zoílio, nada melhor do que a falta da mãe, quando então podia ficar a sós com o amigo, que adorava as suas brincadeiras. Juntos, os dois passavam horas e horas numa contemplação mútua, cúmplices do silêncio que só eles entendiam. Aos poucos iam criando uma linguagem própria, só deles, entre rosnados e tosses, e que cativava de parte a parte. Das feições animais de Zoílio emergia um calor bem humano, que, na duvidosa inconsciência do cão, acabava por instigar a relação de afeto que entre eles se instalara.

Vivia para o cão, que era o seu grande e único companheiro. Cada vez mais se aproximava do cachorro. Passavam o dia juntos, comiam à mesma mesa, dormiam na mesma cama. Quando via o dono, o bicho logo lhe pulava no colo, enfiando a língua

pelas fuças do senhor. E os dois se misturavam na mais sincera inocência. Confundiam-se os cheiros, o suor. Um fazia a felicidade do outro, e pareciam ser irmãos, talvez até tivessem o mesmo sangue.

A hora das refeições, sempre o cachorro era o primeiro a ser servido, e com todas as honras, apesar de alguns inúteis protestos de Laura. Zoílio fazia questão de dar-lhe todo tipo de alimento — às vezes até tirava do seu próprio prato —, era como se estivesse dando de comer a si próprio. Laura esporadicamente reclamava dos exageros do filho para com o cão, mas no final vinha sempre a aprovação e o riso. Para Zoílio, tudo era indiferente.

Os atritos entre Laura e o filho haviam diminuído bastante depois da chegada do cão. Quando ocorria algum, ela procurava logo terminar o assunto, sucumbindo às exigências de Zoílio, sem querer prolongar a discussão além da sua aparência.

Um dia Laura quis levar Zoílio à casa da tia, para que ele pudesse agradecer o presente que esta lhe havia dado com tanto acerto. Seria também uma ótima oportunidade para Zoílio se desgrudar um pouco do cão: Laura começara a perceber que o filho andava com umas manias estranhas e desconfiava de que fosse o convívio em excesso com o cachorro a causa desses distúrbios.

Foram, apesar das queixas do rapaz por não ter podido levar consigo o cão. Chegando à casa da tia, Zoílio sentia-se como se faltasse uma parte do seu corpo. E, quando estendeu a mão para cumprimentá-la, veio-lhe a estranha e súbita sensação de que um animal inflava dentro de si. Viu em seus braços crescerem pêlos e suas unhas ganharem contornos caninos. Tomado pelo ímpeto, retirou de uma só vez a sua mão do contato frio com os dedos da tia, aos quais imaginava ter machucado. Nem ela nem Laura compreenderam a cena a que acabavam de assistir. E ele pediu à mãe que o levasse embora.

Naquele mesmo dia Zoílio caiu doente. Foi levado à cama por Laura e tinha o cão a seu lado o tempo todo. Não se sabia se quem sofria mais era ele, por estar doente, ou o cão, por ver o seu martírio. Laura estava aflita. O estado do menino era preocupante. Resolveu sair à busca de um médico e deixou o filho sozinho com o cachorro.

Ela voltou logo, trazendo o médico. Ao entrarem no quarto de Zoílio, ele não estava mais lá. Sobre a sua cama, dois pequenos cães de olhos brilhantes brincavam entre os lençóis.